

SVETLANA ALEKSIEVITCH

# O FIM DO HOMEM SOVIÉTICO

Tradução de António Pescada

## Notas de uma cúmplice

Despedimo-nos dos tempos soviéticos. Dessa nossa vida. Tentarei es-  
cutar honestamente todos os participantes do drama socialista...

O comunismo tinha um plano louco – transformar o homem «antigo»,  
o vetusto Adão. E isso foi conseguido... foi talvez a única coisa que se con-  
seguiu. Em pouco mais de setenta anos, no laboratório do marxismo-leni-  
nismo criou-se um tipo humano especial – o *Homo sovieticus*. Há quem  
considere que essa é uma personagem trágica; outros chamam-lhe *sovok*<sup>1</sup>.  
Eu acho que conheço esse homem, que o conheço muito bem, estou ao  
lado dele, vivi muitos anos ombro a ombro com ele. Ele sou eu. São os  
meus conhecidos, os meus amigos, os meus progenitores. Durante alguns  
anos viajei por toda a anterior União Soviética, porque o *Homo sovieticus*  
não são apenas os Russos, são também os Bielorrussos, os Turcomanos, os  
Ucranianos, os Cazaques... Agora vivemos em Estados distintos, falamos  
línguas diferentes, mas somos inconfundíveis.

Imediatamente reconhecíveis! Todos nós, gente do socialismo, somos  
parecidos com as outras pessoas e diferentes delas – temos o nosso dicio-  
nário, a nossa compreensão do bem e do mal, dos heróis e dos mártires.  
Temos uma relação especial com a morte. Nas histórias que eu escrevo,  
há palavras que ferem constantemente o ouvido: «disparar», «fuzilar», «li-  
quidar», «pôr em circulação» ou variantes soviéticas de «desaparecimento»  
como: «detenção», «dez anos sem direito de correspondência», «emigra-  
ção». Quanto pode valer uma vida humana, se nos lembramos de que ainda  
há pouco morreram milhões? Estamos cheios de ódio e de preconceitos.

---

<sup>1</sup> Designação depreciativa do regime soviético e de tudo o que com ele se relaciona. (*N. do T.*)

Tudo vem de lá, de onde havia o GULAG<sup>2</sup> e a guerra medonha. Coletivização, deskulakização, deslocação das populações...

Isto era o socialismo e era simplesmente a nossa vida. Nesse tempo pouco falávamos dela. Mas agora, que o mundo mudou irrevogavelmente, essa nossa vida tornou-se interessante para todos – não importa como ela fosse, era a nossa vida. Escrevo, procuro nos grãosinhos, nas migalhas da história do socialismo «doméstico»... «interior». A maneira como ele vivia na alma humana. Atrai-me sempre esse pequeno espaço – a pessoa... uma pessoa. Na verdade, é aí que tudo acontece.

Porque é que há no livro tantos relatos de suicídios, e não dos soviéticos comuns, com biografias soviéticas comuns? Afinal de contas as pessoas também se suicidam por amor, por velhice, sem mais nem menos, por interesse, pelo desejo de descobrir o segredo da morte... Procurei aqueles em quem cresceu firmemente a ideia, que a interiorizaram de um modo impossível de erradicar – o Estado tornou-se o seu cosmos, substituiu tudo, até a sua própria vida. Não conseguiam sair da grande história, despedir-se dela, ser felizes de outro modo. Mergulhar... perder-se na existência privada, como acontece atualmente, em que o pequeno se tornou grande. O homem quer apenas viver, sem uma grande ideia. Isso nunca aconteceu na vida russa, nem a literatura russa conhece isso. Em geral nós somos gente guerreira. Ou combatíamos, ou preparávamo-nos para a guerra. Nunca vivemos de outro modo. Daí a psicologia militar. E mesmo na vida de paz tudo acontecia de um modo militar. Soava o tambor, soltavam-se as bandeiras... o coração saltava do peito... o homem não notava a sua escravidão, até gostava dela. Também eu me lembro: depois da escola, toda a classe se reunia para ir para as terras virgens, desprezávamos aqueles que se recusavam, lamentávamos até às lágrimas que a revolução, a guerra civil – tudo acontecesse sem a nossa participação. Olhamos para trás: será possível que fôssemos nós? Que fosse eu? E recordei tudo isso juntamente com os meus heróis. Um deles disse: «Só o homem soviético pode compreender o homem soviético.» Éramos pessoas que só tínhamos memória comunista. Vizinhos pela memória.

---

<sup>2</sup> Ou simplesmente Gulag. Acrónimo da designação russa: Glavnoe Upravlenie Ispravitelno-trudovikh **Laguerei** (Direção Central dos Campos de Trabalho Correccional). (N. do T.)

O meu pai recordava que pessoalmente passou a acreditar no comunismo depois do voo de Gagárin. Somos os primeiros! Podemos fazer tudo! Era assim que ele e a minha mãe nos educavam. Eu fui outubrista<sup>3</sup>, usava o emblema com o menino de cabelos frisados, fui pioneira, *komsomolka*. A desilusão veio mais tarde.

Depois da *perestroika* esperávamos que abrissem os arquivos. Abriam-nos. Ficámos a saber a história que escondiam de nós.

«Devemos atrair para nós noventa ou cem milhões que povoam a Rússia Soviética. Com os restantes não devemos falar – é preciso exterminá-los» (Zinóviev, 1918).

«Enforçar (sem falta, enforçar, para que o povo veja) não menos de mil *kulaks* presos, que enriquecem... tirar-lhe todos os cereais, designar reféns... De tal modo que a cem quilómetros em redor o povo veja e trema...» (Lenine, 1918).

«Moscou está literalmente a morrer de fome» (professor Kuznetsov para Trotski). «Isso não é fome. Quando Tito ocupou Jerusalém, as mães judias comiam os seus filhos. Quando eu forçar as vossas mães a comerem os seus filhos, então pode vir ter comigo e dizer: “Temos fome”» (Trotski, 1919).

As pessoas liam os jornais e as revistas e calavam-se. Sobre elas caiu um horror insuportável! Como viver com isto? Muitos receberam a verdade como um inimigo. E a liberdade também. «Não conhecemos o nosso país. Não sabemos em que pensa a maioria das pessoas, vemo-las, encontramos-las todos os dias, mas não sabemos em que pensam, nem o que querem. Mas temos a ousadia de lhes ensinar. Depressa saberemos tudo, e ficaremos horrorizados», dizia um conhecido meu, com quem muitas vezes me sentava a conversar na minha cozinha. Eu discutia com ele. Isto acontecia em noventa e um... Tempo feliz! Acreditávamos que no dia seguinte, literalmente amanhã, começaria a liberdade. Começaria do nada, dos nossos desejos.

Dos *Cadernos de Apontamentos* de Chalámov: «Participei de uma grande batalha perdida por uma verdadeira atualização da vida.» Isto foi escrito por um homem que passou dezassete anos de detenção nos campos estalinistas.

---

<sup>3</sup> Outubrista: primeira forma de organização das crianças, que a seguir entravam para os Pioneiros e mais tarde para o Komsomol, a juventude comunista. (*N. do T.*)

A nostalgia do ideal manteve-se... Eu dividiria as pessoas soviéticas em quatro gerações: estalinista, khruschovista, brejnevista e gorbatchovista. Pessoalmente, pertencço à última. Para nós era mais fácil aceitar o colapso da ideia comunista, porque não vivemos no tempo em que a ideia era jovem, forte, sem a perda da magia do romantismo fatal e das esperanças utópicas. Crescemos no tempo dos velhos do Kremlin. Nos magros tempos vegetarianos. O grande sangue do comunismo já estava esquecido. O entusiasmo continuava os seus desmandos, mas conservava-se o conhecimento de que não era possível aplicar a utopia na vida.

Isto aconteceu durante a Primeira Guerra da Chechénia... Conheci em Moscovo, numa estação de caminho de ferro, uma mulher que era das proximidades de Tambov e estava de partida para a Chechénia, com o objetivo de tirar o filho da guerra: «Não quero que ele morra. Não quero que ele mate.» O Estado já não dominava a alma dela. Era uma pessoa livre. Eram poucas as pessoas assim. A maioria eram aqueles a quem a liberdade irritava: «Comprei quatro jornais e cada um deles tem a sua verdade. Onde está então a verdade? Dantes líamos de manhã o jornal *Pravda* e sabíamos tudo. Compreendíamos tudo.» As ideias saíam lentamente de sob a narcose. Se eu iniciava uma conversa acerca do arrependimento, ouvia em resposta: «De que devo eu arrepender-me?» Cada qual se considerava vítima, mas não participante. Um dizia: «Eu também estive preso.» O segundo dizia: «Eu combati.» E um terceiro: «Levantei a minha cidade das ruínas, acartava tijolos dia e noite.» Isto era completamente inesperado: todos bêbedos de liberdade, mas não preparados para a liberdade. E onde estava ela, a liberdade? Só na cozinha, onde por hábito continuavam a criticar o poder. Criticavam Eltsin e Gorbatchov. Eltsin porque traíra a Rússia. E Gorbatchov? Gorbatchov porque traíra tudo. Todo o século xx. E agora, o nosso país será igual aos outros. Será como todos. Pensavam que desta vez se conseguiria.

A Rússia mudara e odiava-se a si mesma por ter mudado. «O Mongol imóvel», escreveu Marx acerca da Rússia.

Civilização soviética... Apresso-me a registar os seus vestígios. As caras conhecidas. Interrogo não acerca do socialismo, mas acerca do amor, do ciúme, da infância, da velhice. Sobre a música, as danças, os penteados. Sobre os mil pormenores da vida que desaparecia. Este é o único meio de dirigir a catástrofe para o quadro do habitual e tentar contar alguma coisa. Adivinhar alguma coisa. Não paro de me espantar com a maneira como

a vida humana comum é interessante. Com a interminável quantidade das verdades humanas... A história interessa-se apenas pelos factos, e as emoções ficam fora de bordo. Não é costume admiti-las na história. Mas eu olho para o mundo com os olhos de uma humanista e não de uma historiadora. Fico surpreendida com a pessoa...

O meu pai já não é deste mundo. E eu não posso terminar uma das nossas conversas... Dizia que morrer na guerra era mais fácil para ele do que para os rapazes que agora morrem na Chechénia. Nos anos quarenta, iam de um inferno para outro inferno. Antes da guerra, o meu pai estudou em Minsk, no Instituto de Jornalismo. Lembrava-se de que quando voltavam das férias, muitas vezes já não encontravam um único professor conhecido, estavam todos presos. Eles não compreendiam o que se passava, mas era horrível. Horrível, como na guerra.

Tive poucas conversas francas com o meu pai. Ele tinha pena de mim. E eu, tinha pena dele? Tenho dificuldade em responder a esta pergunta... Éramos implacáveis com os nossos pais. Parecia-nos que a liberdade era uma coisa muito simples. Passou algum tempo, e nós próprios nos curvamos sob o peso dela, porque ninguém nos ensinou a liberdade. Ensina-ram-nos apenas como morrer pela liberdade.

Ei-la, a liberdade! É como a esperávamos? Estávamos prontos para morrer pelos nossos ideais, para combater na batalha. Mas começou uma vida tchekhoviana. Sem história. Ruíram todos os valores, menos o valor da vida. Da vida em geral. Novos sonhos: construir uma casa, comprar um bom carro, plantar uma groselheira... A liberdade revelou-se a reabilitação da pequena burguesia, habitualmente maltratada na vida russa. Liberdade de Sua Majestade o Consumo. Majestade das trevas. Trevas dos desejos, dos instintos – da vida humana oculta, da qual fazíamos uma ideia aproximada. Toda a história sobrevivemos, mas não vivemos. E agora a experiência militar já não era necessária, era preciso esquecê-la. Milhares de novas emoções, estados, reações... De súbito tudo em redor como que se tornou diferente: as tabuletas, as coisas, o dinheiro, a bandeira... E até o próprio homem. Tornou-se mais colorido, solto, explodiram o monólito, e a vida espalhou-se em ilhas, átomos, células. Como em Dalh<sup>4</sup>: liberdade-vontade,

---

<sup>4</sup> Vladímor Dalh (1801-1872), autor de um dos maiores e mais conhecidos dicionários da língua russa. (*N. do T.*)

liberdadezinha ampla... vastidão. O grande mal tornou-se uma lenda distante, um romance de suspense político. Já ninguém falava de ideias, falavam de créditos, de juros, de letras, não ganhavam dinheiro a trabalhar, mas «faziam-no» em «jogadas». Seria por muito tempo? «A mentira do dinheiro na alma russa impoluta», escreveu Marina Tsvetáeva. Mas parece que os heróis de Ostrovski<sup>5</sup> e de Saltikov-Schedrin<sup>6</sup> ganharam vida e se passeiam pelas nossas ruas.

A todas as pessoas com quem me encontrei, perguntava: «O que é a liberdade?» Pais e filhos respondiam de modos diferentes. Aqueles que nasceram na URSS e os que já não nasceram na URSS têm experiências distintas. São pessoas de planetas diferentes.

Os pais: a liberdade é a ausência de medo; três dias em agosto, quando vencemos o golpe; uma pessoa que escolhe numa loja entre cem variedades de salame é mais livre do que a pessoa que escolhe entre dez variedades; não ser espancado, mas nunca chegaremos às gerações não espancadas; o homem russo não compreende a liberdade, precisa do cossaco e do látigo.

Os filhos: a liberdade é o amor; a liberdade interior, um valor absoluto; quando não temos medo dos nossos desejos; ter muito dinheiro, e nesse caso teremos tudo; quando se pode viver de tal maneira que não se pensa na liberdade. A liberdade é o normal.

Procuro uma linguagem. O homem tem muitas linguagens: a linguagem que usa com os filhos, e mais uma, a do amor... Há ainda a linguagem a que recorremos quando falamos connosco mesmos, quando travamos diálogos interiores. Na rua, no trabalho, nas viagens – por todo o lado se ouve qualquer coisa diferente, mudam não apenas as palavras, mas qualquer coisa mais. Uma pessoa até de manhã e à tarde fala de modos diferentes. E aquilo que acontece durante a noite entre duas pessoas desaparece por completo da história. Tratamos apenas da história do homem diurno. O suicídio é um tema noturno, a pessoa encontra-se no limite da existência e da não existência. Do sono. Quero entender isto com a precisão da pessoa diurna. Disseram-me: «Não tem medo de que isso lhe agrade?»

---

<sup>5</sup> Aleksandr Ostrovski (1823-1886), grande dramaturgo russo, autor de mais de quarenta peças teatrais. (*N. do T.*)

<sup>6</sup> Mikhail Saltikov-Schedrin (1826-1889), escritor satírico russo, autor, entre outras obras, do romance *A Família Golovliov*, editado pela Relógio d'Água, com tradução de Manuel de Seabra. (*N. do T.*)

Seguimos pela estrada de Smolensk. Paramos numa aldeia ao lado de uma loja. Uns conhecidos (eu própria cresci nesta aldeia), uns rostos bonitos, bondosos, e em redor uma vida humilhante, pobre. Conversámos acerca da vida. «Pergunta-me sobre a liberdade? Entre na nossa loja: vodca, há toda a que se queira: *Standart*, *Gorbatchov* *Putinka*, salame à farta, e queijo, e peixe. Até há bananas. De que outra liberdade precisa? Esta para nós é suficiente.» «E deram-lhes terra?» «Quem é que vai mourejar nela? Se a queres, toma-a. Aqui só o Vaska Krutoi aceitou. O filho mais novo tem oito anos e anda atrás do arado ao lado do pai. Se fores trabalhar para ele, não penses em juntar algum dinheiro, ele nem dorme. É um fascista!»

Na «Lenda do Grande Inquisidor» de Dostoievski<sup>7</sup> há uma discussão sobre a liberdade. Diz-se que o caminho da liberdade é difícil, sofrido, trágico... «Para quê conhecer esse diabo desse bem e desse mal, se isso custa tanto?» O homem tem sempre que escolher: a liberdade ou o bem-estar e a organização da sua vida, a liberdade com sofrimento ou a felicidade sem liberdade. E a maioria das pessoas segue por esse segundo caminho.

O Grande Inquisidor diz a Cristo, que voltou à Terra:

«Porque vieste cá incomodar-nos? Porque tu vieste incomodar-nos e sabes isso muito bem...»

«Ao respeitá-lo [ao homem], tu procedeste como se tivesses deixado de sentir compaixão por ele, porque exigiste demasiado dele... Ao respeitá-lo menos, exigias-lhe menos, e isso estaria mais perto do amor, pois o fardo dele seria mais leve. Ele é fraco e vil... Que culpa tem a alma fraca, se é incapaz de juntar em si tão terríveis dons?»

«Não há preocupação mais constante e torturante para o homem do que, ao ficar livre, procurar depressa alguém diante de quem se inclinar... a quem transmitir depressa o dom da liberdade com que esse ser infeliz nasce...»

Nos anos noventa... sim, éramos felizes, e essa nossa ingenuidade já nunca mais volta. Parecia-nos que a escolha estava feita, que o comunismo tinha perdido sem apelo. Mas tudo estava apenas a começar...

Passaram-se vinte anos... «Não nos assustem com o socialismo», dizem os filhos aos pais.

---

<sup>7</sup> In *Os Irmãos Karamázov*, Segunda Parte, Livro Quinto, Capítulo V. (*N. do T.*)



De uma conversa com um professor universitário meu conhecido: «No final dos anos noventa os estudantes riam-se quando eu recordava a União Soviética; estavam confiantes de que à sua frente se abria um novo futuro. Agora o quadro é diferente... Os estudantes de hoje já descobriram, já sentiram o que é o capitalismo – a desigualdade, a pobreza, a riqueza descarada, têm diante dos olhos a vida dos pais para quem nada restou do país saqueado. Sonham com a sua revolução. Usam camisolas vermelhas com retratos de Lenine e de “Che” Guevara.»

Cresceu na sociedade o interesse pela União Soviética. Pelo culto de Estaline. Metade dos jovens dos dezanove aos trinta anos consideram Estaline «o maior dirigente político». Num país em que Estaline liquidou tantas pessoas como Hitler, um novo culto de Estaline?! Tudo o que é soviético está outra vez na moda. Por exemplo, os cafés «soviéticos» – com nomes soviéticos e pratos soviéticos. Surgiram os bombons «soviéticos» e o salame «soviético» – com o cheiro e o sabor nossos conhecidos desde a infância. E, é claro, a vodca «soviética». Na televisão há dezenas de transmissões e na Internet dezenas de *sites* nostálgicos «soviéticos». Podem fazer-se visitas turísticas aos campos estalinistas – em Solovka, em Magadan. O anúncio promete que para mais completa sensação fornecem um fato do campo e uma picareta. Mostram os barracões restaurados. E no final organizam uma pescaria...

Renascem ideias antiquadas: sobre o Grande Império, sobre a «mão de ferro», «sobre a via russa especial»... Reapareceu o hino soviético, há o Komsomol, mas chama-se simplesmente «Nachi» (os «Nossos»), há o partido do poder, que copia o Partido Comunista. O presidente tem um poder como o do secretário-geral. Absoluto. Em vez do marxismo-leninismo, a religião ortodoxa.

Antes da revolução de 1917, Aleksandr Grin escreveu: «E o futuro parece ter deixado de estar no seu lugar.» Passaram cem anos, e de novo o futuro não está no seu lugar. Chegou um tempo em segunda mão. A barricada é um lugar perigoso para um artista. Uma armadilha. Ali estraga-se a vista, obscurece a íris, o mundo perde a cor. Na barricada, o mundo é a preto e branco. Dali já não se distingue o homem, vê-se apenas um ponto negro – um alvo. Passei toda a vida nas barricadas e queria sair de lá. Aprender a alegrar-me com a vida. Recuperar a visão normal. Mas dezenas de milhares de pessoas saem de novo para as ruas. Dão-se as

mãos, trazem fitas brancas nos blusões, símbolo do renascimento. Há cor. E eu estou com elas.

Encontrei nas ruas jovens com a foice e o martelo e o retrato de Lenine nas camisolas. Saberão eles o que é o comunismo?